

O GÊNERO CARTA: ESTRATÉGIAS ENUNCIATIVAS NO DISCURSO DE CINCO SÉCULOS

Luciana Paiva de Vilhena Leite*

Introdução

Este artigo pretende investigar a relação enunciativo-discursiva estabelecida entre enunciador (locutor) e enunciatário (interlocutor) no discurso de cartas mediante a construção de estratégias diversas de aproximação e de distanciamento operadas entre os mencionados “sujeitos” no âmbito do discurso. Parte-se da hipótese de que essas estratégias seriam “construídas” pelo locutor com o fito de aproximar-se de seu alocutário imediato (o destinatário das cartas) ou de distanciar-se deste de acordo com fatores enunciativo-discursivos, lingüísticos e sociais, este último levando em conta que os co-partícipes envolvidos no ato languageiro são, além de sujeitos discursivos, sujeitos sociais (cf. CHARAUDEAU, 1983).

Busca-se demonstrar, neste estudo, o estabelecimento da relação do homem com a sociedade de que faz parte através do discurso que produz. Para isso, optou-se por estudar cartas produzidas no Brasil e em

* Doutora em Língua Portuguesa pela UFRJ.

Portugal em uma amostra temporal que transita do século XVI ao século XX de modo a contribuir para a tentativa de desvendar uma sociedade brasileira em constituição e edificação, uma vez que o gênero epistolar foi a forma de escritura mais produzida no Brasil desde a carta de Pero Vaz de Caminha (cf. MATTOS E SILVA, 1996). Nesse sentido, o discurso de cartas é visto como uma resultante na qual o discurso nada mais é do que um *lugar de marcas* para o qual tudo o que é “dizível” é expresso pela língua e, portanto, inscrito em *marcas formais*.

Sendo assim, procuram-se focalizar, no presente trabalho, não só as relações que se estabelecem entre *língua e sociedade*, mas também as que se fazem entre *língua e discurso*, a fim de que essas “interfaces” possam, cada vez mais, demonstrar a multiplicidade de tratamento teórico-metodológico que os estudos lingüísticos demandam crescentemente.

Arcabouço teórico-metodológico

O discurso das cartas pode ser visto, de acordo com o enfoque de Maingueneau (1996), como revelador de uma *situação de enunciação lingüística*, já que o acontecimento enunciativo é concebido a partir dos vestígios observáveis que ele deixa no enunciado.

Nesse sentido, convém esclarecer o que se considera como *enunciado* e como *enunciação* ao presente trabalho. Na concepção de Benveniste (1989), a *enunciação* é vista como a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização. Em uma visão mais ampla, pode-se conceber a enunciação – termo emprestado da filosofia – como tudo aquilo que funciona como “pivô” da relação entre a língua e o mundo: por um lado permite representar fatos no enunciado, mas, por outro, constitui por si mesma um fato, um acontecimento único definido no tempo e no espaço. O *enunciado*, por seu turno, pode ser visto como o produto desse ato de produção como uma seqüência verbal de extensão variável (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004).

Convém elucidar, ainda, o que se está adotando aqui por *estratégia*. De acordo com os preceitos da Análise do Discurso, costuma-se

adotar esse termo para referir-se às possíveis “escolhas” que os sujeitos podem fazer da encenação do ato de linguagem (cf. CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, op. cit.). Segundo esses autores, não se pode falar de estratégias “senão em relação à existência de um quadro contratual que assegura a estabilidade e a previsibilidade dos comportamentos de maneira que possa intervir um sujeito que joga seja com os dados do contrato, seja no interior desses dados” (op. cit., p, 219).

Para que pudessem ser estudadas tais estratégias, aliaram-se, para a presente investigação, perspectivas teórico-metodológicas distintas, a saber: 1) a Semântica Linguística (ou Semântica da Enunciação) (cf. DUCROT, 1977; ANSCOMBRE; DUCROT, 1993), que visa a uma macro-sintaxe aliada a uma micro-sintaxe do discurso, revelando-se uma análise discursiva consistente; 2) a Análise Semiolinguística do Discurso (cf. CHARAUDEAU, 1983), que define todo ato de linguagem como um ato de transação social entre parceiros, estando seu sucesso condicionado à existência de determinadas regras implícitas que o norteiam; 3) a Teoria da Enunciação (cf. BENVENISTE, 1989; BAKHTIN, 2006), que define que o processo de funcionamento da língua se dá por um ato individual de utilização, estabelecendo, também, que todo texto é sustentado por uma voz: a de um sujeito situado para além do texto e 4) a perspectiva variacionista laboviana (cf. LABOV, 1972 e 1994), que visa a fornecer subsídios metodológicos para que as estratégias linguísticas e discursivas possam ser mensuradas e avaliadas, contribuindo para uma investigação mais sistemática e fidedigna dos dados. Cabe ressaltar que a adoção da Teoria da Variação é considerada aqui para que se percebam “regularidades” no discurso das cartas, embora o presente estudo não contemple fenômeno variável no sentido estrito, pautando-se, pois, nos preceitos da *variabilidade funcional* (cf. LAVANDERA, 1984).

O *corpus* selecionado conta, então, com 25 cartas (atendendo ao contrato estabelecido pelo gênero *missiva* ou *epístola*) produzidas no período que compreende o século XVI ao século XX por “mãos” de brasileiros e portugueses, as quais são divididas conforme sejam (a) *oficiais* (Cartas da Administração Pública) e (b) *não oficiais* (Cartas da Administração Privada, Cartas de Comércio e cartas particulares), de acordo com a proposta de Rumeu (2004). Esse duplo-recorte permite que sejam feitas algumas generalizações acerca do “tipo de escritura” que cir-

culava na sociedade brasileira enquanto tradição discursiva, quer no âmbito público, quer no privado, atendendo, pois, aos propósitos deste estudo.

Para a análise nos moldes quantitativos, para a qual foi utilizada parte do programa computacional *Varbrul*, selecionaram-se variáveis agrupadas conforme fossem lingüísticas, textuais ou enunciativo-discursivas. A variável considerada *dependente* foi a relação entre os interlocutores [+ simétrica ou – simétrica], fator que levou em conta não aspectos lingüísticos, mas enunciativo-discursivos. Desse modo, foi considerado o nível de simetria sob dois enfoques: (a) a relação de maior/menor intimidade entre os interlocutores das cartas e (b) o distanciamento/aproximação que os interlocutores das cartas apresentavam na escala social. Nesse sentido, como muitas vezes não se conseguia “recuperar” a instância social a que pertencia dado sujeito escrevente, procurou-se focar as estratégias de aproximação/distanciamento produzidas no seu discurso, diferenciando-se, então, o que Charaudeau (1983) considera “sujeito empírico” ou comunicante (sujeito social das cartas) de “sujeito enunciador” (sujeito discursivo ou “sujeito de papel”).

Resultados

Dos nove fatores selecionados para investigação levando em conta a situação de assimetria discursiva (fator de aplicabilidade), seis mostraram-se relevantes, a saber: (1) tipo de carta; (2) época histórica; (3) envolvimento do locutor através da construção do sujeito gramatical; (4) marcadores discursivos e marcas enunciativas de subjetividade; (5) subunidades do texto da carta e (6) uso dos tempos/modos verbais. Expõem-se, a seguir, os resultados dessas variáveis:

Tabela 1 – Influência dos tipos de carta para a ocorrência de assimetria discursiva (A.d)

Variável	TIPOS DE CARTA		
	OCO/total	Freqüência (%)	Peso Relativo
oficial	350/613	57%	.79
não oficial	201/572	35%	.62

Total: 1185 dados

Como se pode constatar, as cartas consideradas “oficiais” são as que aparecem como favorecedoras à assimetria discursiva (A.d), com peso relativo de .79 em contraste com as não-oficiais, cujo peso relativo é de .62, ainda que, entre 572 ocorrências desse tipo de carta, sejam observados 201 casos de maior “distanciamento” entre locutor e alocutário. Na verdade, tanto as cartas oficiais quanto as não-oficiais parecem oferecer contextos favorecedores à ocorrência de assimetria discursiva (A.d), já que seus pesos relativos aparecem acima de .50, o que comprova a concepção de Paredes Silva (1988) de que a própria situação de escrever uma carta já é, em essência, assimétrica. Os excertos a seguir demonstram o exposto na tabela 1:

(01) “mas como você me disse no telefone que não tinha recebido, estou mandando outra para ver se você concorda com as modificação feitas.”
(*Carta de Vinícius de Moraes a Chico Buarque* – 24 de janeiro de 1971 – carta não oficial)

(02) “Que tenham asentado dar a execução a ordem de Vossa Alteza, para que as residências dos ouvidoresse tirem por dezembargadores da Bahia.”
(*Carta do Conselho Ultramarino ao Rei* – 11 de outubro de 1675 - carta oficial)

Conforme se pode observar, os resultados dessa variável parecem revelar que mais favorecedor à assimetria discursiva do que o *tipo de carta é a relação social* anterior estabelecida pelos sujeitos empíricos na troca comunicativa.

Tabela 2 – Influência da época histórica para a ocorrência de assimetria discursiva (A.d)

Variável	ÉPOCA HISTÓRICA		
	OCO/total	Frequência (%)	Peso Relativo
século XVI	203/329	61%	.77
século XVII	184/307	59%	.63
século XVIII	88/251	35%	.56
século XIX	30/156	19%	.35
século XX	19/142	13%	.30

Total: 1185 dados

A época em que as cartas foram escritas constitui-se um fator essencial para que sejam percebidas relações mais ou menos simétricas entre os enunciadores do discurso. Os resultados da tabela 2 demonstram que no século XVI as relações de assimetria discursiva apresentam-se mais “visíveis” e que, conforme avança a época, essas “assimetrias” vão sendo menos percebidas ou são “camufladas” por outras estratégias, como o uso de modalizadores, como será visto mais adiante. Ainda de acordo com a tabela 2, nota-se que o século XX é a época em que o discurso da carta apresenta-se mais “simétrico”, mesmo nas cartas consideradas “oficiais”, o que demonstra que possa haver algum “mascaramento” das relações assimétricas das instâncias sociais a que pertencem esses sujeitos. A seguir, são arrolados dos trechos: o primeiro refere-se a uma carta de Monteiro Lobato ao Presidente Getúlio Vargas que, apesar de oficial, apresenta algumas marcas de aproximação, como o uso de “você”; a segunda é escrita ao Rei de Portugal por Tomé de Souza da qual se depreende nítido distanciamento discursivo.

(03) “Talvez se perdesse no desastre do dia 20 e você não tome ciência de tão grave acontecimento.”

(*Carta de Monteiro Lobato ao Presidente Getúlio Vargas – 20 jan. de 1935 - carta oficial*)

(04) “Quererá Nosso Senhor que, pois Vossa Majestade parte tannbem com elle do que tem que trarão estes homens nova de allgum grande tisouro (...)”

(*Carta de Tomé de Souza a El-Rei D. João III – 1º de junho de 1553 - carta oficial*)

Tabela 3 – Influência do ‘envolvimento’ do locutor (enunciador) do discurso através da construção gramatical do sujeito para a ocorrência de assimetria discursiva (A.d)

Variável GRAU DE APROXIMAÇÃO/DISTANCIAMENTO DO LOCUTOR (ENUNCIADOR) NA CONSTRUÇÃO GRAMATICAL DO SUJEITO			
	OCO/total	Freqüência (%)	Peso Relativo
passiva sintética	145/254	57%	.78
passiva analítica	97/214	45%	.65
indeterminação pronominal e não pronominal do sujeito	76/193	39%	.55
1ª pessoa do plural	51/241	21%	.41
1ª pessoa do singular	37/283	13%	.23

Total: 1185 dados

Como se pode verificar na tabela 3, parece haver relação entre o tipo de construção em que se insere o sujeito gramatical e o nível de distanciamento/ envolvimento entre os interlocutores da carta. Sendo assim, as estratégias eleitas como reveladoras de maior assimetria discursiva pelos enunciadores são as construções passivas (sintética: peso relativo de .78 e analítica: peso relativo de .65), seguidas de indeterminação pronominal e não pronominal do sujeito (peso relativo de .55). As construções com sujeito de primeira pessoa revelam-se, pois, evidenciadoras de um maior nível de simetria do discurso. Vejam-se alguns excertos para ilustrar o que se expôs:

(05) “He a não quando vier far se a o que Vossa Alteza (...)”
(*Carta de Tomé de Souza a El-Rei D. João III – 1º de junho de 1553 - carta oficial*)

(06) “(...) dis e mandou que fosse cumprido o despacho do Senhor Governador (...)”
(*Carta de Antonio de Andrade ao Governador Geral Men de Sá – 18 de agosto de 1568 - carta oficial*)

(07) “(...) hontem o ameaçarão de novo de nova revogação da parte do dito Dezembargador (...)”
(*Carta de José Bonifácio de Andrada e Silva ao Ministro do Rei – 31 de janeiro de 1801 - carta oficial*)

Tabela 4 – Influência de marcadores discursivos (M.d) e de marcas enunciativas de subjetividade (M.E. subj) para a ocorrência de assimetria discursiva (A.d)

Variável PRESENÇA DE MARCADORES DISCURSIVOS (M.d) E DE MARCAS ENUNCIATIVAS DE SUBJETIVIDADE (M.E.subj)			
	OCO/total	Frequência (%)	Peso Relativo
Marcadores de modalização	144/253	56%	.79
Marcadores argumentativos	75/197	38%	.60
mais de um tipo de marcador	51/163	31%	.55
outros tipos de marcador	22/97	22%	.45
“ <i>shifters</i> ” (dêiticos)	22/167	13%	.34
termos avaliativos	10/181	5%	.11

Total: 1058 dados

A tabela 4 demonstra que o uso de modalizadores é a estratégia eleita como predominante quando locutor e alocutário estão em situação de assimetria. Na realidade, as 253 ocorrências desse tipo de marcador demonstram que o discurso da carta é um “cenário” para a subjetividade e que o locutor “modela” seu discurso conforme queira aproximar-se ou distanciar-se de seu alocutário segundo seus interesses. Observa-se, ainda, que os “*shifters*”, evidenciados por Orecchioni (1980) como os dêiticos do discurso, e os termos avaliativos aparecem com pesos relativos baixos (.34 e .11, respectivamente), o que demonstra que o enunciador opta por tais estratégias quando está em situação mais simétrica com seu alocutário.

Os três fragmentos a seguir ilustram o que se comentou. Em (08), constata-se dois modalizadores em carta não oficial, em que se pressupõe maior nível de simetria; já em (09), apresenta-se um modalizador seguido de dois termos avaliativos em carta oficial, em que se supõe tratar de maior nível de assimetria. O fragmento (10) traz dois casos de termos avaliativos em carta oficial dirigida ao então Presidente da República, Getúlio Vargas.

08) “(...) e he certo que eu sei e tenho previsto esses riscos, que só eu os conheço bem e, por isso, seria muito bom que nisso não tivesse nada que obrar (...)”

(Carta de Jejuino do Monte Carmelo ao Cônego João Ferreira – 24 de abril de 1803 - carta não oficial)

(09) “Impedir injustiças he dever de hum Ministro de Su Alteza Real, como Vossa Excelência he, e valer aos desgraçados hu’a consolação para o seo generoso coração.”

(Carta de José Bonifácio de Andrada e Silva ao Ministro do Rei – 31 de janeiro de 1801 - carta oficial)

(10) “E isso com a cooperação efetiva do Sr Victor Oppenheim e Mark Malamphy, elementos seus que essa companhia insinuou ou no Serviço Geológico (...) sob o olho palerma e inocentíssimo do Dr Fleuri da Rocha.”

(Carta de Monteiro Lobato ao Presidente Getúlio Varagas – 20 de janeiro de 1935 - carta oficial)

O que se percebe, então, é que o locutor “entrelaça” as estratégias que elege, visando a atuar – intencionalmente – sobre o alocutário, conforme seus “interesses discursivos”, que são reflexo da instância social (empírica) que esse locutor representa.

Tabela 5 – Influência das subunidades textuais para a ocorrência de assimetria discursiva (A.d)

Variável	SUBUNIDADES TEXTUAIS		
	OCO/total	Frequência (%)	Peso Relativo
Introdução (seção de contato)	72/194	37%	.59
Fecho (seção de despedida)	70/267	26%	.51
Desenvolvimento (núcleo da carta)	80/724	11%	.23

Total: 1185 dados

Como se observa na tabela 5, a introdução das cartas representa o momento do discurso em que o locutor opta por deixar maiores marcas de assimetria (peso relativo de .59), seguida da conclusão (peso relativo de .51). O desenvolvimento (núcleo da carta) representa, então, o momento discursivo em que as estratégias de “assimetria” ficariam “camufladas” por outras que o locutor pudesse vir a usar caso optasse pela aproximação com seu alocutário. Os excertos seguintes demonstram as observações feitas: o fragmento (11) faz parte da introdução de uma carta oficial e o (12) refere-se à conclusão de outra, considerada oficial.

(11) “Reverendíssimo Senhor Doutor Cônego João Ferreira de Oliveira // pela denúncia incluza, não pense Vossa Senhoria que em mim he huã total materialidade (...)” - Introdução (seção de contato)
(*Carta de Jezuino do Monte Carmelo ao Cônego João Ferreira* – 24 de abril de 1803 - carta não oficial)

(12) “Deus guarde a precioza vida de Vossa Excelência como Portugal, e sobre tudo as suas nascentes esperanças metallicas hão mister // De Vossa Excelência Venerador Criado e amigo sincero eobsequiozissimo // Jozê Bonifácio de Andrada e Silva.” - (seção de despedida)
(*Carta de José Bonifácio de Andrada e Silva ao Ministro do Rei* – 31 de janeiro de 1801 - carta oficial)

Tabela 6 – Influência dos tempos/modos verbais para a ocorrência de assimetria discursiva (A.d)

Variável	USO DOS TEMPOS / MODOS VERBAIS		
	OCO/total	Frequência (%)	Peso Relativo
passado (indicativo)	175/313	35%	.57
outras formas verbais (tempos compostos e modalidade imperativa)	16/31	31%	.51
presente (indicativo)	214/420	30%	.49
futuro (indicativo)	38/80	23%	.47
perífrases verbais	71/152	18%	.35
futuro (subjuntivo)	15/37	14%	.31
presente (subjuntivo)	49/135	14%	.25
passado (subjuntivo)	3/17	9%	.12

Total: 1185 dados

Como se vê na tabela 6, o uso dos tempos e modos verbais por parte do locutor não se mostra aleatório. Trata-se de um válido recurso usado pelo locutor como estratégia, que deixa evidente ao alocutário a posição que o sujeito-escrevente ocupa no discurso. Constata-se, então, que a opção pelas formas de passado do indicativo, na amostra analisada, revelam-se estratégias de maior assimetria entre locutor e alocutário (peso relativo de .57), seguidas dos tempos compostos e das modalidades de imperativo (peso relativo de .51) e dos tempos presente e futuro do indicativo (pesos relativos de .49 e .47, respectivamente). As formas de subjuntivo são requeridas, então, quando locutor e alocutário apresentam-se mais próximos discursivamente, já que esse modo denota, justamente, aspectos voltados para as conjecturas e suposições. Os fragmentos arrolados a seguir demonstram, pois, os resultados da última variável enfocada na presente análise.

(13) “(...)ao diante nomeado ao conuento dos Reuerendos PP de N. Senhora do Carmo, e sendo em minha prezesa e das testemunhas q’ ao todo forão presentes, apareseo Pedro Luis Fri^a, morador nesta Cidade pello qual foi dito, q’ entre outros beins que pesuhia elle, e a senhora sua molher Barbora de Brito era huas terras em Soruhy”

(*Carta de Antonio de Andrade ao Convento dos Reverendos P.P de N.S do Carmo* – 4 de junho de 1616 - carta oficial)

(14) “Vossa Alteza acuda llogo a isto com o seu parecer, e mande a mestre Simão que também lho escreva llogo, por que senpre tenho ho meu por pior (...)”

(*Carta de Tomé de Sousa a El-Rei D. João III – 1º de junho de 1553 - carta oficial*)

Como se pode notar, o fragmento (13) diz respeito a uma Carta de Sesmaria em que são doadas terras ao Convento de Nossa Senhora do Carmo e, para que se consolidasse tal doação, são narrados alguns fatos em que o locutor utiliza formas pretéritas do indicativo. O fragmento (14) traz à tona duas formas de imperativo – *acuda* e *mande* – usadas pelo enunciador (que se dirige ao Rei de Portugal) com a finalidade, ao que parece, de demonstrar certa “aflição” em resolver a pendência de que trata a carta.

Considerações finais

Trabalhar no âmbito do discurso permite ao pesquisador um amplo domínio de investigação lingüística. Permite, também, que possa haver a “transição” entre várias perspectivas teóricas com o fito de agregar visões distintas, mas complementares em prol do “desvendamento” do universo discursivo. Esse universo discursivo pode ser estudado de diversas maneiras, as quais orientam e definem o viés investigativo prenunciado pelo analista-pesquisador.

Esta pesquisa nasceu e realizou-se a partir da observação da relação estabelecida primariamente entre língua, discurso e sociedade e a interferência dessa relação no homem inserido no “seu tempo”. Desse modo, torna-se relevante perceber como o homem, inserido numa sociedade “X”, pertencente a uma época “Y” “apropria-se” da língua de modo a desencadear “marcas enunciativas” na produção de seus discursos.

Tais “marcas”, de acordo com a perspectiva aqui adotada, poderiam, então, ser evidenciadoras de práticas sociais anteriores a esses discursos. Nesse sentido, procurou-se equilibrar o lingüístico e o extralingüístico – o histórico, o social, o ideológico -, a fim de que o discurso saísse

do universo do “feito” e do “dito” e passasse ao âmbito do “dizer”, do “dizendo”, do “construindo”. Sendo assim, considera-se que o discurso se revela através da projeção da enunciação no enunciado dos co-partícipes do ato enunciativo e, através dele, consegue-se “recuperar”, ainda, a relação entre esses “sujeitos”, ao mesmo tempo sujeitos empíricos (sociais) e sujeitos discursivos (enunciadores) em constante relação dialógica.

Nesse sentido, o presente estudo procurou articular a língua ao mesmo tempo como instrumento para o discurso e como reflexo da sociedade, já que o enfoque aqui adotado visou a trabalhar em uma dimensão histórica de cinco séculos. Acredita-se, então, que a perspectiva teórico-analítica da teoria laboviana tenha revelado, de fato, resultados satisfatórios, haja vista que o arsenal variacionista permite que sejam feitas **generalizações** e permite, também, que saíamos de uma visão meramente “externa” do texto, partindo-se para uma visão “interna” do mesmo, uma vez que, em última instância, podem ser controlados, além dos fatores enunciativo-discursivo das cartas, os seus elementos lingüísticos *stricto sensu*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSCOMBRE, J.C. & DUCROT, O. *L'argumentation dans la langue*. Bruxelas: Mardaga, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Huscitec, 2006.

———. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. *Para uma história do Português Colonial: aspectos lingüísticos em cartas de comércio*. 1999. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.

———. Tratamento dos *corpora* de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e lingüísticos. In: LOPES, Célia Regina

dos Santos (Org.). *A norma brasileira em construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século XIX.* Rio de Janeiro: FAPERJ, 2005.pp. 25-43.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I.* 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

———. *Problemas de lingüística geral II.* Campinas: Pontes, 1989.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *O Brasil Monárquico.* Tomo 5: do Império à República. São Paulo: Difel, 1977.

CALLOU, Dinah; COSTA, Maria Cristina Rigoni. Estratégias discursivas na fala do Rio de Janeiro. In: BACELAR, Fernanda *et alii* (Org.). *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística.* Lisboa: Colibri, 1996. p. 381-395.

——— *et al.* “Teoria da Variação e suas relações com a semântica, a pragmática e a análise do discurso”. *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, n. 20, p.212-226.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l’expression.* Paris: Hachette, 1992.

———. *Le discours d’information médiatique: la construction de miror social.* Paris: Nathan, 1997.

———. *Langage et discours – éléments de sémio-linguistique (théorie et pratique).* Paris: Hachette-Université, 1983.

———. *Discurso das mídias.* São Paulo: Contexto, 2006.

———; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso.* São Paulo: Contexto, 2004.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito.* Campinas: Pontes, 1987.

———. *Princípios de semântica lingüística.* São Paulo: Cultrix, 1977.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L’Enonciation.* De la subjectivité dans le langage. Paris: Armand Colin, 1980.

LABOV, William. *Principles of linguistic change.* Vol 1. Cambridge/Oxford, Blackwell, 1994.

———. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

———. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

LAVANDERA, Beatriz R. *Variación y Significado*. [s.l.] : Hachette, 1984.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

———. *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo: Pontes, 1997.

———. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

———. *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.19-36.

MATTOS E SILVA, R.V. A variação haver/ter. In: MATTOS E SILVA, R.V.(Org.). *A carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: Editora da UFBA, 1996. p. 121-145.

———. *Para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. 1988. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

RUMEU, Márcia Cristina de Britto. *Para uma história do Português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas*. 2004. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

Resumo:

Esta pesquisa objetiva estudar qualitativamente e quantitativamente as estratégias discursivas presentes em textos de cartas escritas em língua portuguesa em um período que compreende o século XVI ao século XX.

A fundamentação teórica que sustenta este estudo alia as perspectivas teóricas da Semântica Lingüística, da Teoria Semiolingüística do Discurso, da Teoria da Enunciação Lingüística e do enfoque variacionista laboviano.

Partindo-se do pressuposto de que o gênero carta abrange uma grande faixa de temporalidade, já que, durante séculos, a começar pela carta de Pero Vaz de Caminha, ela teve importante papel no campo da intercomunicação entre enunciadores, observa-se que tais discursos contêm “marcas” enunciativo-discursivas que revelam não só as relações discursivas, mas também as relações sociais que se estabelecem entre os participantes do ato enunciativo.

Dos *corpora* analisados constam cartas produzidas no Brasil e em Portugal num período que abarca do século XVI ao século XX, totalizando 25 textos estudados e divididos, conforme sejam oficiais ou não oficiais.

Os resultados revelam que o discurso das cartas tende a um nível de assimetria que condiz não só com a distância entre os interlocutores, mas também com as estratégias que estes usam para que se consiga perceber a projeção da enunciação nos seus enunciados. O estudo contribui, ainda, para que sejam “desvendadas” as relações sócio-discursivas existentes entre os missivistas no decorrer da história.

Abstract:

The aim of this research is to study the discursive strategies, qualitatively and quantitatively, in written Portuguese letters within a period that goes from the 16th to the 20th century.

The theoretical support gathers the perspectives of Linguistic Semantics, of Semiolinguistic Theory of Discourse, the Theory of Enunciation and the Labovian variation approach.

Our hypothesis is that the genre *letter* encloses a large area of temporality, because, for centuries, beginning with Pero Vaz de Caminha's letter, it has played an important role in the intercommunication area between enunciators. It is observed that such discourses contain linguistic-textual "marks" that reveal not only the discursive relations, but also the social relations that are established between the participants of the enunciative act.

The analyzed *corpora* contain letters produced in Brazil and Portugal, totalizing 25 texts, both official or non-official. The results show that the letter's discourse tends to a level of asymmetry that fits not only the distance between interlocutors, but also the strategies used by them in order to perceive the projection of enunciation in its propositions. The study also contributes to disclose the existing socio-discursive relations between the writers in real time.

Palavras-chave: enunciação; cartas; estratégias; assimetria; época histórica.

Keywords: enunciation; letters; strategies; asymmetry; historical period.